

O EIXO MUDOU
 Há ativistas em campanhas ecológicas como as do Greenpeace, mas os protestos antiglobalização, como o de Gênova (acima), mobilizam mais

Jeremy Sutton/Greenpeace/AFP

Salvem os verdes

O declínio da causa ambiental marca a megaconferência das Nações Unidas na África do Sul

ALEXANDRE MANSUR

Cerca de 50 mil militantes, cientistas e diplomatas, além de 100 chefes de Estado, estarão em Johannesburgo, na África do Sul, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro. Essa multidão disputará os holofotes da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, batizada de Rio+10, megaevento que tenta costurar compromissos para atacar problemas como as mudanças climáticas e o desmatamento e reduzir as disparidades entre países ricos e pobres. Embora as promessas brilhem, as perspectivas são sombrias. "A

conferência caminha para um fiasco, porque uma infinidade de divergências não foi resolvida entre a Europa e os Estados Unidos e entre os países do Norte e do Sul", disse a ÉPOCA Christopher Flavin, presidente do instituto de pesquisas Worldwatch, de Washington. "Teme-se a repetição do vexame da Conferência contra o Racismo." Realizado há um ano, o encontro malogrou-se quando EUA e Israel se retiraram, aproveitando-se do radicalismo de algumas delegações árabes para evitar qualquer avanço prático na luta contra o preconceito.

Os delegados saíram da reunião preparatória da Rio+10, há três meses, com apenas 75% do texto principal amarrado em muitos colchetes, proporção que revela haver muitas divergências e pendências. Os EUA não aceitam as metas para limitar a emissão dos gases poluentes, exigência capitaneada pelos europeus. Os países industrializados recusam regras para o pagamento de direitos por produtos industriais extraídos de flo-

restas tropicais, tampouco aceitam reduzir suas barreiras protecionistas aos produtos agrícolas dos países em desenvolvimento.

As divergências evidenciam o fracasso das metas estabelecidas há dez anos pela Conferência Rio-92 (*leia o quadro*). Também mostram uma mudança de ambiente no mundo globalizado. Ao contrário de dez anos atrás, a ecologia já não habita o topo da agenda diplomática internacional. "Em 1992, tínhamos a sensação de que o mundo ia acabar se não combatêssemos logo ameaças como a extinção de espécies", lembra Hector Leis, cientista político da Universidade Federal de Santa Catarina. "A deterioração da economia em vários países mudou a lista de prioridades."

Os militantes que gritavam slogans verdes agora brigam em outras batalhas. A reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) foi abafada, em novembro de 1999, por um exército de 50 mil manifestantes que encheram as ruas de Seattle, nos EUA.

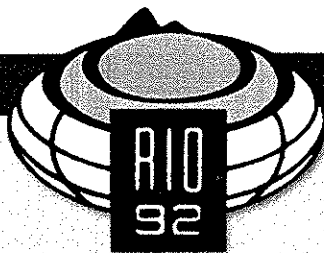


AFP/Corbis

A guerra se repetiu no ano passado em Gênova, na Itália, e em Quebec, no Canadá. Parte dessa militância pertencia a grupos ambientalistas e buscava novo espaço para suas exigências. "Paradoxalmente, é mais produtivo discutir temas ecológicos, como proteção a golfinhos na pesca de atum, dentro das reuniões da OMC que em conferências ambientais", diz Adriana Ramos, do Instituto Socioambiental (ISA).

Se na década passada artistas como Sting e Paul McCartney emprestavam seu prestígio à causa ecológica, agora celebridades como Bono Vox, vocalista da banda U2, lutam pelo perdão da dívida externa de países pobres. A Rio+10 não escapou dos ventos da mudança. Como a crise financeira está na ordem do dia, os países africanos criaram um grupo, chamado Nepad, que redirecionou o foco do evento para o combate à pobreza. "Querem fazer da conferência um palco privilegiado para garantir recursos a qualquer custo. É uma tentativa de se desviar do objetivo do evento", reclama Analuze Freitas, da organização ambientalista WWF. O Brasil tem a perder com isso. "Nosso país guarda alguns dos ecossistemas mais valiosos do mundo e pleiteia recursos financeiros e tecnológicos para protegê-los. Mas, se a pauta for miséria, perderemos poder de barganha", diz Adriana Ramos, do ISA.

Também a ONU está com menor poder de articulação. A Rio-92 ocorreu no ano seguinte à extinção da União Soviética. O fim da Guerra Fria produziu alguma confiança na capacidade dos países para resolver problemas pela via diplomática. "Acreditava-se que as nações convergiriam para noções comuns de democracia e liberdade de mercado e que a ONU seria um dos ▶



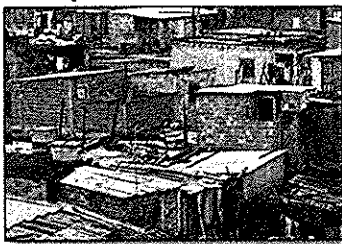
DÉCADA PERDIDA

As principais metas da conferência sobre o meio ambiente do Rio em 1992 não foram cumpridas

META

RESULTADO

DESEQUILÍBRIO ECONÔMICO



Num plano de ações batizado de Agenda 21, os países desenvolvidos se comprometeram a repassar 0,7% do PIB, ou US\$ 120 bilhões por ano, para combater a pobreza no Terceiro Mundo

A ajuda dos países ricos caiu de US\$ 69 bilhões, em 1992, para US\$ 53 bilhões em 2001, o equivalente a 0,2% de seu PIB total. A contribuição dos Estados Unidos recuou para 0,1% do PIB

ESCASSEZ DE ÁGUA



A Agenda 21 propunha o manuseio mais racional das bacias hidrográficas e maior atenção às necessidades das populações pobres

Os projetos de saneamento básico não atenderam ao crescimento populacional. Mais de 1,1 bilhão de pessoas ainda não têm acesso a água tratada

MUDANÇAS CLIMÁTICAS



Cerca de 170 países concordaram em reduzir para os níveis de 1990 as emissões dos gases poluentes que provocam o aquecimento da Terra

As emissões de gases poluentes no planeta cresceram 9%. Os EUA abandonaram o acordo e propuseram medidas unilaterais, que farão aumentar sua carga poluidora

DESMATAMENTO



A Declaração de Princípios das Florestas estabelecia critérios para explorar as riquezas naturais das matas, deixando as árvores em pé

O ritmo do desmatamento global se manteve inalterado. As florestas tropicais perderam 10% de sua área na década de 90

EXTINÇÃO DE ESPÉCIES



A Convenção de Biodiversidade, assinada por 182 países, criou diretrizes para proteger a fauna e a flora. Quem cuidasse dos ecossistemas conquistaria benefícios financeiros

Só 38% dos signatários montaram, de fato, estratégias de conservação. A extinção ameaça 13% dos peixes, 11% dos mamíferos, 10% dos anfíbios, 8% dos répteis e 4% das aves

Fotos do infográfico de cima para baixo: Raphael Felavigna/EPCA, Corbis, Sygma/IB Ruseel, Sérgio Moraes/Ed. Globo, Edu Lopez/EPCA, Anj. Ag. O Globo

gestores da governança global, o que não aconteceu", diz João Paulo Veiga, cientista político do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. Os Estados Unidos de 1992 estimularam muitas iniciativas de proteção ao meio. Hoje, são os primeiros a rejeitar o Protocolo de Kyoto, seguindo os mesmos argumentos da turma que faz protestos antiglobalização – o de que as questões econômicas têm prioridade sobre as preocupações ambientais.

A festa de Johannesburgo poderá ser embaçada pela ausência do presidente George W. Bush, que está de férias no Texas até setembro. Ainda não é oficial, mas há indicações de que o secretário de Estado, Colin Powell, representará os EUA. "É mais um exemplo de como o país desistiu da cooperação internacional", critica Stephen Mills, da fundação ecológica Sierra Club. "Estamos no papel de vilões", lamenta Jonathan Lash, presidente do World Resources Institute, de Washington.

Já o Brasil, que há dez anos era crucificado por destruir a Amazônia, foi uma das nações que mais mostraram avanços desde a Rio-92. Em 2001, o desmatamento foi 13% menor que no ano anterior. Ironicamente, os ambientalistas, inclusive os americanos, agora contam com o país como força diplomática para salvar a conferência de um fracasso retumbante. O Brasil lidera a proposta de que 10% da energia de cada país venha de fontes renováveis, como cata-ventos ou álcool combustível. Articula com a Índia e a China a pressão pelo pagamento de direitos por produtos industriais derivados da floresta. Também se destaca na briga contra o protecionismo agrícola. "O Brasil tem sido o líder entre os países em desenvolvimento. Espero que o presidente Fernando Henrique aproveite a ocasião em Johannesburgo para lembrar que não dá para negociar acordos sobre assuntos específicos sem levar em conta as desigualdades econômicas absurdas entre as nações", pondera Jonathan Lash. ■

Por conta própria

Muitas empresas já aprenderam que preservar faz bem para a imagem – e pode até dar lucros

Enquanto os países não se entendem sobre os problemas ambientais, muitas empresas fazem sua parte – sobretudo por achar que isso faz bem para a imagem e para a competitividade delas. A estratégia é comum entre as indústrias mais poluidoras. A DuPont, um dos maiores conglomerados químicos do mundo, comprometeu-se em reduzir as emissões poluentes de suas fábricas em 65% até 2012. Garantiu ainda que vai mantê-las estabilizadas, mesmo que o grupo cresça. A Alcoa, o maior produtor de alumínio, e a General Motors, número um na produção de automóveis, também se moveram para diminuir o que despejam na atmosfera. "Essas empresas optaram por antecipar uma transição para tecnologias mais eficientes, que as deixarão prontas para a concorrência futura", diz Jonathan Lash, do World Resources Institute.

A preservação foi encampada por alguns milionários, que investem grandes somas em projetos ecológicos. O americano Ted Turner, vice-presidente da CNN e do grupo AOL Time Warner, é o maior latifundiário dos EUA. Está usando parte da fortuna e das terras para programas de rein-

rodução na natureza de espécies ameaçadas, como bisões e lobos. No Rancho Ladder, do Novo México, mantém um centro de estudos para recuperar as frutas nativas. Todo ano, a Turner Foundation paga US\$ 50 milhões em bolsas de pesquisa ambiental. Só o governo americano oferece mais. "Deveria ser gasto mais dinheiro para tentar corrigir os erros que cometemos desde a Revolução Industrial", diz o magnata da comunicação. Ele não está sozinho. A organização americana The Nature Conservancy administra 1.340 reservas ecológicas nos Estados Unidos, todas compradas com doações de milionários. "Os governos não têm os recursos necessários para investir", diz Angela Tresnari, diretora da entidade no Brasil.

A pressão dos consumidores ajuda a salvar até as florestas brasileiras. Na última década, a indústria brasileira de papel e celulose passou a preservar 1 hectare de mata nativa para cada hectare usado para plantar eucalipto. Quatro das dez maiores madeireiras da Amazônia obtiveram o selo verde, o que prova que atuam sem agredir a floresta. "As empresas já agem mais por convicção que por obrigação", sustenta Horacio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).



REI DO GADO Turner protege os bisões ameaçados